O Centenário da Tipografia Minerva e o Saudoso Empresário Assis Bezerra(*)

Fernando Câmara

No dia 1° de maio passado a família Saraiva Leão reuniu-se no aprazível Hotel Praia das Fontes, em Beberibe, onde realizou a sua XV Convenção e durante este memorável Encontro de Amizade e Recordação prestou uma merecida homenagem à Tipografia Minerva pela decorrência de seu centenário de fundação, ocorrido no dia 15 de março do corrente ano.

O importante evento não poderia ser esquecido pela família Saraiva Leão, pois a centenária empresa está intimamente ligada à história de nossas Convenções, não só pela fraternal amizade que nos une aos seus abnegados dirigentes, como igualmente pelo apoio e colaboração recebidos de tão conceituada indústria gráfica.

Isto, sem falar também no acolhimento que ali foi dado a vários parentes, dentre os quais os saudosos primos Drs. Manuel Antônio de Andrade Furtado e João Batista Saraiva Leão, ilustres membros desta Casa, e até mesmo o meu tio e sogro João Antônio Saraiva Leão.

Sim, porque o seu antigo proprietário, o meu santo padrinho Francisco Assis Bezerra de Meneses, era um homem dotado de espírito público, que sempre prestigiou a família, e tanto assim que, ao adquiririr a Tipografia Minerva, em 1898, a primeira pessoa admitida para trabalhar na organização, foi o seu próprio irmão Vicente Bezerra, a quem posteriormente deu sociedade na empresa.

Depois, foi a vez do mano Geminiano Bezerra, encarregado da escrita fiscal.

A homenagem ao centenário da Tipografia Minerva não poderia ficar restrita só à família Saraiva Leão e hoje, chegou a vez do mundo cultural cearense, através de sua mais antiga entidade, o Instituto do Ceará, também se associar ao importante evento.

Isto porque, a Tipografia Minerva fez mais pelo movimento cultural cearense do que muitos de nossos governantes, ao publicar e até mesmo facilitar, a edição de muitas obras e outros importantes trabalhos de intelectuais de nosso Estado, desde os primórdios de sua fundação até os nossos dias.

Esta louvável iniciativa vem sendo religiosamente cumprida

(*) Discurso pronunciado na sessão do dia 10.05.93.

desde os saudosos empresários Francisco Assis Bezerra de Meneses, Caubi de Assis Bezerra, e agora pelo seu atual dirigente, esta figura maravilhosa e estimada por todos nós, Pedro Jorge Furtado Bezerra, os quais, mesmo sem possuirem cursos superiores, souberam avaliar quanto é importante o desenvolvimento cultural de um povo!

Para conhecermos um pouco da história dessa tradicional indústria gráfica, façamos uma viagem no tempo, retornando aos idos de 1892, quando era deposto o governador do Ceará, general José Clarindo de Queiroz, e a mão de ferro do Presidente Floriano Peixoto consolidava no Brasil o regime republicano, depois de o marechal Manuel Deodoro da Fonseca haver destronado o Imperador Pedro II.

Em Fortaleza, no dia 15 de março daquele mesmo ano, era fundada pelo livreiro Gualter Rodrigues da Silva, sob o signo da deusa romana protetora das artes, a Tipografia Minerva, instalada primitivamente em velho prédio situado na Travessa da Assembléia nº 41, hoje Rua São Paulo.

Dentre as publicações editadas pelo seu primeiro proprietário merecem destaque duas obras: "A Fome", de Rodolfo Teófilo, em 1890, e as "Lendas e Canções Populares," de Juvenal Galeno, em 1892, esta, certamente impressa na nova tipografia.

A morte de Gualter Rodrigues da Silva obrigou a sua viúva a vender a modesta empresa a Francisco Assis Bezerra de Meneses, em 1898.

O seu acervo compunha-se de apenas três pequenas impressoras, uma máquina de cortar e algumas caixas de tipos, nela trabalhando um único operário, José Flamínio Benevides.

Assis Bezerra contava na época 29 anos de idade, mas desde cedo iniciara-se na luta, pois no mesmo ano da fundação da Tipografia Minerva, em 1892, perdera o pai, Antônio Bezerra de Meneses, ficando ele e o irmão mais velho, Manuel Felício (Bezerrinha), com a responsabilidade de amparar a mãe viúva e os demais irmãos.

Em 1894, temos conhecimento de sua presença em Quixeramobim, dirigindo um hotel ao lado da Igreja de Sant'Ana, e em cujas proximidades ocorreria, naquele mesmo ano, o bárbaro assassinato do comendador José Nogueira de Amorim Garcia, na véspera da inauguração da Estrada de Ferro naquela cidade.

Mais tarde, radicando-se na então vila de Pedra Branca, organizou em sociedade com o primo Antônio Furtado de Mendonça Meneses (tio Furtadinho, esposo de tia Alice) uma indústria para beneficiamento de algodão, impulsionada a vapor, novidade na época, quando tudo dependia da tração animal.

A fábrica era gerenciada pelo meu avô José Bougival Saraiva Leão e ali nasceu o meu tio e sogro João Antonio Saraiva Leão.

Mas Assis Bezerra não nascera para dirigir hotéis ou comerciar algodão. Sua vocação era outra bem diferente, e que mais tarde se tornaria uma identidade para a família: a indústria gráfica.

Assim, em 1898, adquiriu da viúva de Gualter Rodrigues da Silva, pela avultada importância de dois contos e oitocentos mil réis, a Tipografia Minerva, que estava exposta à venda.

A empresa encontrava-se em precária situação e ele, arregaçando as mangas, ao lado do irmão Vicente e do operário José Flamínio Benevides, trabalhava incessantemente, muitas vezes das 7 horas da manhã até as 9 horas da noite.

Os frutos de tão árdua jornada começaram a aparecer, e naquele mesmo 1898, ano em que adquirira a empresa, já eram publicados jornaizinhos literários, tais como "O Resgate" e "A Capital".

Já no ano seguinte, em 1899, temos a publicação de alguns relatórios de José Lino da Justa e "O Paroara", de Rodolfo Teófib, obra editada em 504 páginas.

Em 1904, a Tipografia Minerva mudou-se para a Rua Major Facundo nºs 111 e 113, em prédio alugado por 110$000 mensais.

Como o aluguel do prédio já havia subido para 500$000, em 1927, a Tipografia Minerva mudou-se para prédio próprio, sito à Rua Barão do Rio Branco nº 788, adquirido no ano anterior pela quantia de 50:000$000 onde permaneceu até 1990, quando se transferiu para outro imóvel, localizado na Avenida do Imperador nº 780, ficando na antiga sede a livraria e papelaria.

Graças à operosidade de Assis Bezerra e de seu irmão Vicente a Tipografia Minerva firmou-se e cresceu no conceito público.

Os mais importantes autores cearenses, ou ligados ao nosso Estado, tiveram ali publicadas as suas obras: Paulino Nogueira, Antônio Bezerra, Antônio Teodorico da Costa, Antônio Sales, Álvaro Martins, José Sombra, Padre Antero José de Lima, João Gonçalves Dias Sobreira, Teles de Souza, Júlio Olímpio, Odorico Castelo Branco, Padre Valdevino Nogueira, Alba Valdez, Álvaro Fernandes, Pompeu Sobrinho, Carlos Studart Filho e muitos outros intelectuais.

De Antônio Bezerra – O Historiador, foram impressos os livros "O Ceará e os Cearenses" (1906) e a sua obra máxima "Algumas Origens do Ceará" (1918).

Também alguns dos mais destacados trabalhos do Barão de Studart levam o timbre da Tipografia Minerva: "Documentos para a

história do Brasil e especialmente do Ceará" (2º volume 1903) – "Administração de Barba Alardo de Meneses" (1903) – "Documentos para a história de Martim Soares Moreno" (1905) – "Jesuitas e Jesuitismo" (1913) – "Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense" (3º volume 1915) – "Para a história do jornalismo cearense 1824-1924" (1924) – "Três de maio de 1818, O Movimento de 17 no Ceará" (1917) e "João Capistrano de Abreu, Dados Bio-Bibliográficos" (1927).

Até mesmo as disputadas revistas do Instituto do Ceará ali também foram impressas no período de 1904 até o ano de 1930.

Na decorrência do centenário de tão tradicional indústria gráfica não podemos deixar de evocar com todo respeito e admiração a figura de seu antigo proprietário, o meu santo padrinho Francisco Assis Bezerra, que ampliou e desenvolveu a hoje secular instituição, tornando-a uma empresa respeitada e elogiada pelo povo cearense.

Demos o testemunho de seu próprio irmão Vicente que ali trabalhava desde 1898: "O Assis vendeu ontem a última máquina dos tempos em que começamos; acompanhei-a até a porta, e quando a vi desaparecer, parecia-me que levava consigo algo do nosso passado. Os seus olhos marejados diziam de sua emoção!"

Em 1941, aos onze anos de idade, visitei pela primeira vez a Tipografia Minerva, e para surpresa minha, não encontrei o seu proprietário sentado em sua mesa de trabalho, mas operando em uma de suas máquinas, como um empregado qualquer.

Recebeu-me carinhosamente e depois de dar-me a devida atenção, presenteou-me com algumas cadernetas, voltando novamente para aquele trabalho.

Dele sempre recebi as maiores demonstrações de estima e amizade, e durante a 2ª Guerra Mundial mensalmente me enviava a famosa revista "Em Guarda", com notícias e reportagens sobre os últimos acontecimentos.

Em certa ocasião, mandei um livro com recortes de jornais sobre a guerra, que eu colecionava, para ele encadernar e junto a importância de cinco mil réis para as despesas.

Dias depois recebi o álbum devidamente encadernado e o dinheiro que eu havia remetido, acompanhado do seguinte bilhete, o qual eu gostaria de ler para os presentes:

Fernando

Saúde e gordura

Com muito prazer respondo a sua prezada carta de 5 do expirante. Vai o álbum que você mandou para encadernar.

Por um esquecimento do operário que fez o serviço, não vão as folhas que você pediu para pôr no começo e no fim do livro.

Só depois de terminado foi que vi a falta. Desculpe.

Peço-lhe permissão para devolver os cobres que você mandou para pagar o trabalho.

Mando-lhe a revista que você gosta, quando receber outras mandarei. Sem mais, saudades a seus caros papais e você abrace o padrinho amigo.

Assis Bezerra

27/04/942

* * *

Todos os anos, na decorrência de seu aniversário, em 16 de agosto, eu pedia ao meu pai para enviar um telegrama de felicitações em meu nome, e o saudoso padrinho sempre respondia agradecendo esta minha lembrança. Vejamos um destes agradecimentos:

Querido afilhadinho

Saudades

A você, aos caros papais e irmãozinhos, os meus agradecimentos pelo telegrama que me transmitiram por motivo das minhas 74 primaveras.

Gostei muito do meu passeio a Campo Grande. Voltei com mais peso e descançado.

Tenho 2 "Em Guarda" para lhe mandar, estou aguardando portador. Sem mais lembranças aos seus irmãozinhos. Um abraço e a bênção do padrinho amigo.

Assis Bezerra

Fortaleza, 18/04/943.

* * *

Era assim a figura admirável de Francisco Assis Bezerra de Meneses, amigo da família e um homem sem vaidade pessoal, uma característica que ele soube transmitir aos seus filhos, netos e bisnetos.

Em sua empresa, diariamente era sempre o primeiro a chegar e o último a sair do trabalho, e acredito que ele nunca se convenceu de sua condição de empresário, pois procedia sempre como se fora um operário, preso àquele rígido horário, sem tempo mesmo para um merecido repouso após as refeições. Talvez fosse esta a receita de seu sucesso empresarial.

Assis Bezerra ainda teve a alegria de comemorar entre os paren-

tes, amigos e dedicados empregados, os 50 anos de existência da Tipografia Minerva, em 15 de março de 1942, e três anos depois, entregava a sua alma ao Criador.

Sucedeu-o até o dia 17 de março passado, o seu abnegado filho Caubi de Assis Bezerra, o qual teve a glória de assistir o centenário da tradicional empresa, no dia 15 embora enfermo e sem condições de participar do importante evento, e que, por isso mesmo, foi sobriamente comemorado.

Dois dias depois, cercado da amizade e carinho de seus familiares partia serenamente para a Mansão Celestial ficando o leme da Tipografia Minerva confiado aos seus dedicados filhos Pedro Jorge e Aluísio, modelos de simpatia, bondade e operosidade, os quais são assessorados por Pedro Jorge Filho e Carlos Frederico, o nosso estimado Fred.

Em 16 de agosto de 1969 decorreu o centenário de nascimento de Francisco Assis Bezerra de Meneses e foi comemorado modestamente, como sempre modesto foi o homenageado: uma missa em ação de graças na Igreja do Patrocínio e uma visita ao seu túmulo no cemitério de São João Batista onde ele repousa desde o dia 10 de julho de 1945.

E para finalizar este meu pronunciamento dou a palavra ao saudoso Quixadá Felício, sobrinho-afim de seu irmão Álvaro Bezerra, o qual, em belíssima crônica intitulada "O Velho Assis", publicada no jornal O POVO, quando da decorrência de seu centenário de nascimento em 16 de agosto de 1969, retrata fielmente a personalidade inconfundível deste meu santo padrinho:

O Velho Assis

Quixadá Felício

Nunca escutei a voz dele. Devia ser mansa. E com certeza voz de pouco falar. A discrição dos gestos bastava para definir a personalidade.

Vi-o milhares de vezes. Na rua, descendo a Barão do Rio Branco rumo à tipografia. Entrando numa igreja ou no Prédio Vicentino.

Uma vez perdida, na casa dos parentes mais próximos. E se apenas visitava raramente uma pessoa íntima, não seria por desamor. Só pelos hábitos de vida rigorosamente traçados, escravo do trabalho sem lazeres, as horas eram escassas para o cumprimento daquela ordenada rotina das 6 às 6, a chave da porta na sua mão para fechar e abrir a oficina com alma de operário, talvez nunca se apercebera da sua condição de chefe do rebanho...

Era um homem do modelo antigo. Guiado por uma disciplina sem ostentações, fazer o que tinha todo dia de fazer não lhe impunha atitude que alterasse a natural tranqüilidade de todos os momentos.

No balcão, despachando um freguês, assentado à mesa vulgar às voltas com uma fatura, ou lá no fundo controlando a confecção com o seu olho experimentado não variava a expressão do comportamento. Punha-me a observá-lo nas minhas idas por lá. Encostado à banca de Renato, em diagonal à do chefe que se sentia igual a qualquer dos homens que o rodeavam com caixas de tipos, braços sujos de tinta, calças com remendos e engraxadas de óleo negro das máquinas.

Renato dava cá e dava lá e juntava os originais, mandava-se para o fundo da casa, fazia explicações ao chapista. Voltava à banca da frente sobraçando provas, emendava os erros cometidos na composição.

Para ganhar umas aparas de cartolina que viravam peça fundamental de um jogo que era o alvoroço dos recreios do colégio. Acompanhava o movimento do chefe. Se dizia alguma coisa não dava para eu ouvir. A sensação que hoje posso recompor é que todos os seus auxiliares adivinhavam a linguagem das suas mãos e dos seus olhos, todo o serviço podia ser feito sem advertências que arranhassem a suscetibilidade de ninguém.

Quando tio Álvaro adoeceu para morrer num sofrimento atroz de muitas e muitas semanas, avistava-o sempre num canto do corredor vizinho às paredes que guardavam, de leve, os poucos gemidos do enfermo.

Deslocava-se até a beira da cama do irmão, mantinha-se em silêncio muito tempo, ausentava-se para voltar à noite. O que ele ajudava não havia quem soubesse, devia ser muito às escondidas, talvez com cerimônia de ser bom. Mas ajudava muito, aplacava todos os frios porque as exclamações cruzavam o ambiente noite e dia: Como o tio Assis não tem ninguém, o Assis é um santo! Era a sensibilidade de tia Consuelo e dos filhos extravasadamente comovidamente, num modo de agradecer que Deus entendia, acabava pagando pelos que não podiam resgatar nenhum ceitil de tamanha generosidade.

Assim era o velho Assis Bezerra cujo centenário de nascimento foi comemorado sábado último, dia 16 sem qualquer espalhafato desta hora espalhafatosa que vivemos. Bastou uma missa na igreja de Nossa Senhora do Patrocínio e, em seguida, uma visita ao túmulo onde descansa desde 1945. O templo ficou cheio, cheio mesmo. E só de gente que presta. Tudo pessoas que conheceram o velho Assis. Ou, mais novos, que conhecem D. Violeta e D. Dilara, Antenor, Caubi e Juraci, os filhos que ainda estão vivos.

E que é um punhado de gente que nunca meteu vergonha ao velho Assis e D. Cristina, um casal que sempre ocupou uma casa só, para provar que a existência de cada um vale e pesa pelo que se pode deixar de lembranças de corações que não se cansam de selar grandezas e de espíritos continuadamente voltados para os grandes rumos do dever como Deus aponta e quer até a festa final das resignações.

Depois da missa, folheio o opúsculo redigido pelo Sr. Fernando Câmara e que a tipografia do seu Assis imprimiu. Espio o clichê do velho. Tal qual ele era. Os cabelos alvejados pelo tempo, os óculos, o laço gorducho da gravata, o lenço saindo do bolso de jaquetão de brim barato como se vestiam sem vaidades os homens de antigamente. Na lapela, preso pelo alfinete de segurança que vi milhares de vezes o emblema de metal de vicentino de raça. E a luz da serenidade como uma moldura de platina soltando um calor bonito, calor de antigamente, e que por Deus ainda amor na vida dos filhos que estão vivos são trens em cima do trilho que a Providência fincou com força a 16 de agosto de 1869...